



LE « O TÊXTIL »
 DIVULGA « O TÊXTIL »
 ESTE É O TEU JORNAL

RECOLHE DINHEIRO
 PARA « O TÊXTIL »

PARA A ACÇÃO, TRABALHADORES TÊXTEIS DO PORTO

Passaram-se quatro anos desde que uma Comissão de têxteis entregou ao Presidente da Assembleia Geral uma lista da classe. « O TÊXTIL » por várias vezes denunciou a série de ilegalidades cometidas desde essa altura para impedir que à frente do Sindicato fosse colocada uma direcção da confiança dos têxteis. Não é, portanto, intenção deste artigo voltar a repetir o que em anteriores já foi dito. Sem dúvida que o que interessa nesta altura é analisar as causas que permittem, passados quatro anos, continuar o Sindicato nas mãos de uma Comissão Administrativa contra a vontade da maioria de 50 mil trabalhadores.

Não queremos, porque sehamos injustos, acusar de intenções menos honestas os têxteis que constituem a Lista B ou os que ao longo de todo este tempo têm encabeçado esta luta. Não pretendemos, também, substituir as dificuldades que existem para conduzir uma luta deste tipo sob um Governo fascista como o nosso.

Más, por outro lado, não

podemos deixar de criticar veementemente a forma oportunista e errada como tem sido conduzida a mesma luta e responsabilizá-los em parte pelos impasses a que isso conduzia, com o inevitável isolamento em que se encontram face à maioria da classe. Efectivamente não é circunscrevendo a luta a conversas no INTP e à publicação de um ou outro documento oportunista, sempre de costas viradas para a classe, chegando por vezes até mesmo a criticar e a impedir que elementos da classe mais combativos, utilizassem formas de luta mais eficazes, com a justificação oportunista de que não interessava aos trabalhadores têxteis entrar em choque com o INTP, que se combaterão eficazmente as manobras que o patronato e o Governo têm até aqui utilizado.

Pese embora a sua perfiância, que em alguns casos se manifestou positivamente, como o de mantermem durante este tempo a conquista das reuniões semanais na sede do Sindicato, os elementos da

(cont. na pág. 4)

ABAIXO A REPRESSÃO!

Sabemos todos que o regime fascista, ontem com Salazar, hoje com Marcelo Caetano, é um regime repressivo e responsável por dezenas de assassinatos de patriotas. Sabemos também que a Pide tem sido a responsável directa pela maioria desses assassinatos.

A morte do jovem estudante universitário José Ribeiro dos Santos, morto pelos criminosos da Pide, é mais um crime a juntar a tantos outros.

A morte desse jovem estudante, assim como as cínicas afirmações de Marcelo Caetano a jornais estrangeiros de que em Portugal não há repressão nem presos políticos por discordarem do regime, não nos devem causar surpresa. A não ser aos ingenuos ou aos ingénuos, porque os restantes, a maioria do povo português, sabe perfeitamente que a mentira, a repressão e o crime tem sido, ontem como hoje, uma constante da política do regime fascista.

O assassinato do jovem Ribeiro dos Santos deve ser compreendido como uma consequência lógica da intensifi-

(cont. na pág. 4)

ALERTA, TEXTEIS DA COVILHÃ

Com a recente vitória dos têxteis da Covilhã que repuseram à frente do seu Sindicato uma direcção que merece de novo a sua confiança, cremos que uma experiência interessante sobre a história da anterior direcção, do seu oportunismo, que mês após mês se foi acentuando, para acabar na mais declarada traição aos interesses que dizia defender, deve aqui ser pôsta, pelo menos nos seus aspectos mais significativos, para evitar que semelhantes erros se repitam com as graves consequências que têm para os interesses dos trabalhadores.

Com efeito, dada a complexidade da luta dos trabalhadores, as dificuldades maiores que se deparam a um país fascista para defender os seus mais elementares direitos, as pressões que são exercidas sobre os homens que se propõem, à frente de um sindicato defender coerentemente os interesses da classe, não basta aos trabalhadores a garantia de terem à frente do Sindicato uma direcção honesta, no plano da luta sindical, porque é só disso que aqui vamos

tratar. A eleição de uma direcção honesta é um primeiro passo. Importante, sem dúvida porque abre horizontes perspectivas, mesmo que condicionada por uma legislação fascista, de discussão, esclarecimento, de problemas, formação de quadros, além de melhor defesa em negociação de contratações colectivas e outros problemas. Mas não é tudo. A partir daí inicia-se para a classe um outro capítulo da luta

não menos importante: o do acompanhar par e passo a acção da direcção, os seus planos, as suas diligências, em suma, toda a sua actividade que se desejará sempre enquadrada e voltada para os interesses dos trabalhadores.

A vigilância tem que ser continua. A exigência de amplas assembleias, a formação de delegados de empresa, etc., tem que ser uma norma de trabalho. Decisões importantes não deverão ser tomadas isoladamente, a classe deverá ser consultada, porque só assim se poderá dizer com propriedade que os seus interesses foram assegurados.

Significa isto falta de confiança? Não. Simples vigilância necessária, simples prática de trabalho de massas, porque por muito boa que seja uma direcção, por muito homogêneo que seja o comportamento dos seus variados membros, dez homens nunca poderão substituir e decidir melhor que centenas ou milhares de trabalhadores.

Ao não se fazer isto, quando os trabalhadores delegam só na direcção a defesa dos seus interesses, aliando-se de uma frente de luta que requer a sua vigilância constante, corre-se sempre o risco, a mais ou menos longo prazo de perder o controle da situação e quando damos disso conta acontece como aconteceu com a direcção anterior que se aliou no mais torpe oportunismo, traíndo miseravelmente os interesses da classe. Depois, bom, depois é muito mais difícil repôr as coisas no são e em alguns ca-

sos são longos anos que se podem.

Estas considerações além de pretenderem repôr uma experiência que nos parece útil, vem também a propósito de uma atitude do actual presidente da direcção que queremos ser honesto, mas que tomando posições como as que tomou em nada abonam a sua fidelidade aos interesses que diz e certamente quer defender. Trata-se da sua recente participação num colóquio organizado pelas SEDES.

O que é as SEDES? Porquê nas SEDES?

SEDES, associação permitida pelo Governo, onde se encontram alguns dos seus actuais e ex-ministros, de ombro com os José Manuel de Melo e outros quejandos, onde aparecem falsos democratas e colaboracionistas com capa de liberais, associação criada como mais um aparelho político do fascismo, para servir a sua própria política de defesa dos interesses monopolistas e colonialistas, fruto da necessidade de manter a unidade entre os vários grupos que defende, tentativa de apresentar uma oposição inofensiva.

Será então num tipo de associação deste género que os problemas dos trabalhadores deverão ser discutidos por um dirigente sindical?

Não! Não é numa organização deste tipo que as posições dos trabalhadores podem ou devem ser defendidas ou discutidas. Como também não é participando nas suas reali-

(cont. na pág. 4)

LUTAS LUTAS LUTAS LUTAS

(1 cont. da pág. 1)

“Empresa fabril do Norte”

As operárias do turno diurno desta empresa de há muito que aspiram a não trabalhar ao sábado. Trata-se de mais de mil operárias, muitas delas casadas e com filhos, que desejam dispor de mais algumas horas livres para poderem conviver com os familiares, ou mesmo para poderem nesse dia tratar da vida da casa.

A não apreçoada política de protecção à família cai pela base perante a situação de milhares de mulheres trabalhadoras que, além de infelizmente exploradas, não dispõem de creches, de tempo para conviverem com os filhos e o marido, de horas de repouso suficiente para poderem recuperar as energias gastas em ritmos de trabalho cada vez mais violentos.

Tratando-se de uma aspiração tão sentida pelas operárias da E.F.N., as mesmas devem discutir colectivamente as formas de luta que devem utilizar para conseguir tal reivindicação.

Qualquer justificação do patronato, como seja a de que se torna impossível tal medida, por não disporem de tempo para as operárias compensarem as horas nos restantes dias da semana, dado que as horas ocupadas pelo turno noturno preenchem o resto do tempo, devem ser prontamente recusadas pelas operárias.

A essa justificação as operárias não têm que pedir o

sábado sem qualquer compensação.

“Foncar”

Nesta empresa, um dos problemas mais sentidos pelas operárias com menos tempo de casa, parece ser o facto de todos os anos, quando da actualização de salários, serem despedidas algumas das operárias mais recentes na empresa. Trata-se de uma manobra do patronato para impedir que essas operárias subam de categoria e sejam por isso beneficiadas nos salários, conforme o clausulado do CCT. Em sua substituição entram novas operárias que, chegada de novo a época de promoções, são também despedidas. Como se vê o patronato recorre das mais variadas formas para explorar os trabalhadores.

O actual CCT, mesmo que cozinhado por uma Comissão Administrativa, pelo patronato e pelo Governo, é pura e simplesmente posto de lado quando se trata dos interesses do patronato.

Face a estas e outras manobras, só a unidade e acção de todos os operários, velhos e novos na empresa, porque ambos são vítimas do mesmo inimigo, poderão impedir casos como esses.

Fábrica de Lãs de Arrancada do Vouga

Soube-se que nesta empresa têm sido retirados os subsídios de férias a grande

número de operários, baseado, ao que parece, no número de faltas injustificadas. Parece pouco provável que logo não grande número de operários tenha dado faltas injustificadas para serem atingidos pela medida. Parece-nos estar perante mais uma arbitrariedade patronal.

Tal situação deve merecer a maior atenção dos operários dessa empresa, assim como as formas de luta que sejam necessárias para impedir tais manobras.

Manifestação do 15 de Abril no Porto

Ainda que passados alguns meses não podemos deixar de assinalar a importante manifestação de 15 de Abril, contra a carestia da vida.

Vitória também para o Partido Comunista Português, que soube lançar as palavras de ordem oportunas, capazes de mobilizar mais de 40 mil manifestantes, na sua maioria trabalhadores.

De assinalar o grande número de mulheres presentes, as maiores vítimas do desenfreado aumento do custo de vida.

A luta contra a carestia porém não parou. Em cada fábrica, nos mercados, na rua, os trabalhadores de lutar contra a política de congelamento de salários, por melhores condições de vida, e contra a política do Governo das grandes monopólios e latifundiários, contra a subida dos preços.

TÊXTEIS DO PORTO ABAIXO A REPRESSÃO!

(cont. da pág. 1)

Lista B e da Comissão Sindical, ao não terem mais além, ao afundarem-se cada vez mais no seu oportunismo, que conduziu a situações de desespero e de falhas de perspectiva e de confiança, não se têm que culpar se não, a eles próprios pois não saubram aproveitar na devida altura o descontentamento então manifesto pela classe. Pode-se até afirmar que objectivamente os elementos da Lista B e da Comissão Sindical actuaram conforme os desejos dos inimigos de classe.

Sem dúvida que jogou também a favor das intenções do patronato, contribuindo para o impasse da situação, o desinteresse manifestado pela classe ultimamente pela regularização da vida do seu Sindicato. Por experiência própria os trabalhadores têxteis sabiam e sabem que só a luta massiva, constante e pertinaz, poderia e pode levar o patronato e o Governo a ceder.

As perspectivas são para

os têxteis de se agravar cada vez mais a sua situação. A política de concentração industrial conduzirá inevitavelmente ao desemprego milhares de trabalhadores têxteis. Já está como exemplo flagrante disso o encerramento da « Empresa Têxtil do Rio Ave », de Vila do Conde, que lançou no desemprego largas centenas de trabalhadores. A política de congelamento de salários praticada pelo Governo e os aumentos do ritmo de produção impostos em cada fábrica irá criar por sua vez maiores dificuldades aos operários têxteis.

Para enfrentar tal situação a classe terá forçosamente que sacudir a inércia e passar à acção. Impõe-se que utilize outras formas de luta, no Sindicato para impor uma direcção honesta, em cada fábrica por aumentos de salário, contra os ritmos de produção e o desemprego.

A experiência acumulada durante estes quatro anos deve, porém, estar sempre presente para as futuras acções.

(cont. da pág. 1)

cação da repressão que se tem verificado nos últimos tempos. Desmascarada a demagogia « liberalizante » de Marcelo Caetano pela acção das massas, o regime foi obrigado a tirar a máscara e a mostrar-se tal e qual como é: um regime fascista, consequentemente repressivo, que não hesita em recorrer às formas mais brutais para se manter no poder.

Incapaz de resolver os problemas mais prementes com que o país se debate; incapaz de sustentar o crescimento da agudização das contradições que o minam e de evitar o isolamento internacional a que a sua política o conduziu, o regime irá inevitavelmente valer-se de uma repressão cada vez mais feroz, para impedir que as massas populares, com a classe operária à cabeça, o derrube e instaure um regime verdadeiramente democrático.

A denúncia dos crimes cometidos, pela Pide ou por quais quer outras forças repressivas; a luta pela Amnistia e pela abolição das famigeradas medidas de segurança; a luta pelas liberdades políticas, etc., são formas de luta contra a repressão que devem também mobilizar os trabalhadores.

A luta constante e pertinaz contra a repressão é, pois, de extraordinária importância no contexto geral da luta do nosso povo.

em, para defender os seus privilégios de classe, mandar prender, torturar, matar mesmo, os trabalhadores que se dispõem a lutar pelos seus direitos. Alerta, pois!

ALERTA, TÊXTEIS DA COVILHÃ

(cont. da pág. 2)

zações que um homem que diz defender os interesses da classe ganhará experiência e se imporá aos olhos da mesma. Pelo contrário, a sua participação nestas reuniões, provocará a confusão e não ajudará a esclarecer a posição que deverá ser tomada perante uma organização criada pelo fascismo para defender a sua estratégia política. As barreiras de classe

devem estar sempre bem demarcadas. Nunca as tácticas de compromisso serviram os interesses dos trabalhadores. É necessário não esquecer que o José Manuel de Melo da CUF e outros que tais, os actuais e ex-ministros fascistas, que compõem as SEDES, são os mesmos que nas fábricas exploram os trabalhadores. No Governo defendem os seus interesses, e num e noutro campo não hesitam

DESPEDIMENTOS NO «CONSÓRCIO LANEIRO» UMA EXPERIÊNCIA A RETER!

Para a administração do «Consórcio Laneiro» não basta o pagamento de baixos salários, a prática de elevados ritmos de produção, o irrisório pagamento de outras regalias sociais (férias e outros subsídios), a publicação constante de leis, portarias, decretos, etc., pela parte do Governo, tais como a mais recente delas que resolve congelar salários por períodos de dois anos, a cobertura de contratos colectivos de trabalho, na sua maioria negociados sem uma defesa eficaz dos interesses dos trabalhadores, a ausência de sindicatos livres e do direito à greve, a protecção que goza, como gozam todos os capitalistas neste país, dum governo fascista sempre pronto a intervir ao primeiro «grito de socorro» dos capitalistas para reprimir brutalmente qualquer movimento reivindicativo dos trabalhadores, tudo isto, como dizíamos, não é suficiente, como veremos mais adiante, para a administração do «Consórcio Laneiro» aumentar, mais ou menos tranquilamente, as suas margens de lucro.

De tempos a tempos recorre-se ainda de outras manobras, torpes processos como os que pretendeu pôr em prática em Junho último, onde com o fútil pretexto de falta de matéria prima (curioso problema só sentido por esta empresa) se dispôs a pôr no desemprego cerca de cem trabalhadores. Para quê estes despedimentos? Mais adiante se verá.

Retomemos agora o início dos factos: alguns meses antes já a empresa despedia 15 operários e não contente com isso fazia-os assinar falsos contratos com o objectivo de iludir o pagamento das indemnizações que lhes eram devidas. A par disso preparava-se para ampliar a manobra, ameaçando despedir cerca duma trintena doutros. Vafeu aqui a pronta intervenção dos operários que evitou não só que mais despedimentos se concretizassem como obrigou a administração a pagar aos 15 as indemnizações que lhes eram devidas.

Mas o recuo era temporário. A 7 de Junho a empresa coloca aos operários do terceiro turno a alternativa: ou bem aceitavam passar para o turno das 8 às 17 horas, perdendo os 50% adicionais no seu salário a que tinham direito, ou eram colocados na lista dos cem operários que iriam ser despedidos, por, como atrás já se refere, haver falta de matéria prima...

Não se hesitava em usar a chantagem mais porca para evitar o pagamento de um subsídio, aliás justíssimo, para não falar já dos transtornos que causam à saúde e à vida dos operários essas súbitas mudanças de horário.

Há 7 anos já esta mesma empresa tinha recorrido aos mesmos processos. Também aqui servindo-se do mesmo falso problema (falta de matéria prima) cem operários dos mais idosos foram despedidos para, pouco depois, ser

de novo readmitido pessoal em idêntica quantidade, só que agora JÁ NÃO TINHAM AS REGALIAS QUE LHE ERAM DEVIDAS PELA SUA ANTI-GRUVIDADE!

Eis portanto, no fundamental o porquê dos despedimentos. Não contentes com a exploração infame que praticam, temporariamente há que executar sujas manobras para retirar aos trabalhadores as justas regalias a que têm direito, sem contar ainda com os transtornos que causa um despedimento, num país como o nosso, de um operário com mais de 40 anos.

Se acrescentarmos que os capitais desta empresa pertencem em grande parte ao Estado e que exemplos destes não são factos isolados, estamos perante um significativo exemplo da natureza do Governo fascista, temos a nu o papel que desempenha como acérrimo defensor dos interesses dos grandes monopolistas portugueses e estrangeiros, contra os interesses da maioria do nosso povo.

Para os trabalhadores o conhecimento deste facto não só deverá ter o objectivo de reter uma experiência, como ainda o de adquirir a certeza de que só a luta unida, organizada, pertinaz dos operários em cada fábrica, nos sindicatos poderá fazer frente a esta ofensiva do patronato e do Governo, não só para garantir as regalias conquistadas como ainda para adquirir outras a que têm direito.

7 DE NOVEMBRO: UM EXEMPLO PARA TODOS OS TRABALHADORES!

Na atrasada e faminta Rússia dos tzares, em Outubro de 1917 (Novembro pelo calendário actual) o proletariado guiado pelo seu Partido Bolchevique, aliado aos camponeses famintos, conduzia o povo russo à tomada do poder e instaurava a ditadura do proletariado. Pela primeira vez na história dos povos iria surgir o primeiro estado socialista governado por operários e camponeses.

Conduzido pelo Partido bolchevique, orientado pela gigantesca figura de Lênine, o povo russo acabava com séculos de opressão e de miséria, libertando-se da odiosa exploração do homem pelo homem. A partir de então começaria uma nova etapa na história de um povo: a construção de uma nova sociedade, de um novo mundo para si e para os outros povos. Nascia a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A exploração do homem pelo homem era abolida para sempre da sociedade, entregava-se a terra a quem a trabalhava, assegurava-se a todo o povo o direito ao trabalho, à educação e à cultura, os principais sectores da indústria, da banca, do comércio, dos transportes, das comunicações passavam para as mãos do Estado agora dirigido por operários e camponeses. Eliminavam-se as classes e com elas todos os seus privilégios.

Era o acontecimento mais importante do século para o proletariado e os trabalhado-

res do mundo inteiro. O nascimento do primeiro estado de operários e camponeses, iria influenciar decisivamente a formação de outras vanguardas do proletariado, multiplicar-se-iam sob a sua influência a criação de inúmeros partidos comunistas pelo mundo inteiro, que abraçando os ideais de Outubro iniciariam com ânimo redobrado uma luta sem quartel para a libertação dos seus povos da opressão e exploração capitalista, pela libertação da classe operária e com ela de todo o povo.

Um rude golpe fora dado nos interesses do capitalismo não só russo como mundial.

A partir de então os êxitos do jovem estado socialista seriam uma força e um exemplo de atracção enorme para os trabalhadores do mundo inteiro.

Eis porque também imediatamente depois da formação do primeiro estado socialista a reacção mundial lhe organizou uma guerra sem quartel. Da guerra civil dos primeiros anos, do boicote económico dos anos anteriores, da invasão nazi da grande guerra, aos períodos da guerra fria, tudo isto acompanhado da mais bem orquestrada e insidiosa propaganda anti-soviética e anti-socialista, tudo foi e é tentado ainda, não só para fazer sucumbir o primeiro estado de operários e camponeses mas também para tentar desviar do caminho do socialismo cada vez mais am-

plas massas de trabalhadores.

Mas, se bem que difícil, o processo era irreversível. Não só o primeiro estado socialista se consolidou como se alargou o campo socialista. Hoje mais de um terço da humanidade vive sob o seu regime.

Os seus êxitos no campo da economia, da ciência, da técnica, da cultura, do desporto não são só compartilhados pelos seus povos como pelos trabalhadores de todo o mundo. Eles são um poderoso polo de atracção de cada vez mais amplas massas de trabalhadores, influenciando decisivamente a luta sem tréguas que os trabalhadores que vivem no mundo capitalista travam para a sua libertação.

Em Portugal, antes sob o Governo fascista de Salazar e agora sob o de Marcelo Caetano, o 7 de Novembro, data da revolução de Outubro, tem sido sempre festejada como uma data querida de todos os trabalhadores.

Como o 7 de Novembro está próximo o «Têxtil» quiz mais uma vez não só lembrar o que ela significou para os trabalhadores do mundo inteiro como também apelar para que este ano e de acordo com a situação concreta as disposições de luta, o grau de organização, se organizem as mais diversas formas de comemoração. Que nelas também os trabalhadores têxteis saibam discutir os seus problemas e encontrem soluções para os resolver na prática.